

O SIM PARA SEMPRE E OS PRIMEIROS PASSOS DO GRUPO NASCENTE

Era manhã de domingo, período de verão, poucos minutos antes do início da missa. **A data: 14 de janeiro de 1915**. O local: a sacristia da Igreja de São Virgílio, de Rodeio 50. Fora: muitas pessoas conversando na língua local: italiano. Dentro: certamente muitos, em clima de silêncio, rezando e aguardando o início da missa. O fato: três jovens nascidas em Rodeio-SC, filhas de camponeses e pertencentes à Terceira Ordem de São Francisco (hoje OFS) e ao Grupo Filhas de Maria, são chamadas à sacristia pelo então pároco Frei Polycarpo Schuen. **Uma pergunta: “Minhas filhas, vocês prometem ficar ao menos um ano?”** E a resposta fundante e decidida: **“Um ano não, padre! Nós queremos ficar sempre!”** Sim fecundado a ser gestado e dado à luz.

Desde sempre nos desígnios da Divina Fonte agora emerge no chão, no momento, na fala, nos sentimentos de emoção, alegria, simplicidade, disponibilidade e de profunda coragem aquilo que, na história, será a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas!

O SIM de Amábile, Maria e Liduína, sem terem elas consciência da sua amplitude, seria o primeiro de muitos outros que já se firmaram nestes cem anos de vida e missão da Irmã Catequista Franciscana. Sim fecundado e dado à luz em diversas e específicas realidades deste imenso Brasil e nas realidades sem fronteiras. Realidades que se constituíram em chão sagrado!

O Sim fora dado e as três jovens apresentadas à comunidade. Era momento de expressar a profunda ação de graças através da celebração da Eucaristia e de haurir forças e alimentar os primeiros passos aos quais, gradativamente, muitos outros foram e vão se acrescentando. **Sim que, de ora em diante, se constitui missão: Amábile Avosani retorna ao berço da missão: Aquidabã, onde reside com o casal João e Maria Cereale. Maria Avosani e Liduína Venturi permanecem em São Virgílio, hospedadas na casa da família de José Tambosi. Ainda em fevereiro de 1915 a jovem Ida Longo, seguida pelas jovens Filomena Girardi e Celestina Tomelin se unem ao trio inicial.** Ida vai a Aquidabã e Filomena e Celestina iniciam a missão na comunidade de Diamantina (Pico). Passos que, aos poucos, foram sendo acrescidos e dinamizados por mais e mais jovens. Em todos esses locais, elas iniciam escolas paroquiais e são responsáveis pelo ensino elementar e religioso. **Em 1919 já existiam oito escolas paroquiais!**

Como descrever o grupo nascente e seus passos? Jovens camponesas, de famílias simples, acostumadas ao labor diário e de grande fervor cristão. Jovens que na sua doação, ofertaram o melhor de si mesmas e assumiram a missão de professoras e educadoras da fé de forma testemunhal e alegre. Provinham de ambientes de poucos recursos de formação e informação, o que não as impedia de colocar sua vida a serviço. Pelo contrário, buscavam - aos finais de semana ou quinzenalmente - junto às Irmãs Clemência Beninca e Ambrosina, (Congregação da Divina Providência) a formação pedagógica, religiosa e cultural que as capacitava para a missão. E na humildade e simplicidade, à noite e à luz de querosene, quando necessário, a entre ajuda de uma para com a outra para preparar as tarefas de aula, inclusive de uma ministrar a aula para a outra até que essa tivesse segurança para no dia seguinte trabalhar o conteúdo com seus alunos. Paciência, perseverança, amor fraterno e a humildade

de perguntar para a companheira o que não sabia lhes fortalecia o vigor na missão e na irmandade.

Lendo as Crônicas da Congregação e os livros de nossas irmãs historiadoras, evidenciam-se **aspectos essenciais que trilharam os passos missionários** daquele grupo nascente. Entre eles: **paixão pelo Reino de Deus e pelo povo, confiança em Deus e o cultivo diário da oração**. Irmã Liduína Venturi dizia que: *“a coragem para perseverar vem da oração”*. Ao iniciar a aula priorizavam diariamente meia hora de formação cristã aos alunos.

Caminhavam a pé e descalças tanto para a missão diária nas escolas paroquiais, bem como aos domingos para a celebração junto ao povo. Especialmente nas comunidades onde não havia missa dominical (a maioria), elas davam catequese, liam o Evangelho e rezavam o terço com o povo. Estavam sempre muito próximas do mesmo. Com ele se identificavam na vida austera, no labor diário, na falta de recursos - também os mais necessários, nos trabalhos braçais da lavoura, na moradia e na partilha. Acolhiam e ouviam. Incentivavam e encorajavam.

A vida diária era muito simples. Tudo era feito por todas e tudo era de todas. Alegravam-se pelas pequenas conquistas, compartilhavam a felicidade quando os alunos liam e escreviam as primeiras palavras. Viviam, mesmo que duas a duas - característica que foi se firmando como própria das Catequistas -, em intensa comunhão com as demais Catequistas (este é o nome que recebem a partir de 1916). Juntas passavam o período das férias escolares em Rodeio, partilhando sonhos, realizações, desafios, aprofundando e celebrando.

A **forma de vida** e tudo o que ela comporta **era aprendida na convivência, na partilha do ser, do saber, do agir e do ter. A formação se dava na própria comunidade**. A novata que chegava para integrar o grupo das Catequistas era sempre enviada para uma fraternidade com uma de mais tempo de ingresso.

Até 1926, embora vivessem a vida consagrada, **faziam apenas a profissão na Terceira Ordem de São Francisco**. A admissão oficial à Companhia das Catequistas se dava, sem formalidade alguma, mas com muita alegria e acolhida ao receber o vestido preto. As que não provinham da Terceira Ordem faziam um ano de noviciado (não canônico) e, em seguida, a profissão na Terceira Ordem de S. Francisco.

A alegria das irmãs e sua simplicidade impressionavam o povo e as que ingressavam. E cada ano mais e mais jovens integravam o grupo das Catequistas semeando e dinamizando, em várias realidades, o Carisma da Irmã Catequista Franciscana.

Irmã Mari Luzia Hammes

Para refletir:

1. Na celebração do centenário da Congregação, o que na vida pessoal e comunitária é necessário *“não perder de vista”* do sim e dos passos do grupo nascente?
2. A alegria e a simplicidade do grupo nascente impressionavam o povo e as que ingressavam. Concreta e realmente: **o que da Irmã Catequista Franciscana de hoje impressiona e cativa na missão?**

Fonte: VALANDRO, Ede Maria. Em resposta ao clamor do povo... a congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Joinville, 1990.